

O SILENCIAMENTO DO ÍNDIO NAS NARRATIVAS SOBRE A AMAZÔNIA

Maria Janete Cesário Braga¹

RESUMO

Este trabalho versa sobre o apagamento do índio na história da Amazônia narrada pelos viajantes europeus. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, pela qual se pretende discorrer sobre a forma como o indígena era retratado pelos colonizadores europeus. A intenção é mostrar como o índio foi tratado pelos imperialistas e teve suas terras invadidas e ainda eram vistos apenas como parte da paisagem e não como um povo que tinha cultura, costume e religião e que mereciam respeito. Utilizou-se como referencial Ugarte (2003), Orlandi (1990), (1993), La Condamine (2000), Bonácio (2007), Guedelha (2014), dentre outros. Procura-se, assim, espreitar questões acerca do modo como os colonizadores europeus reproduziram um discurso pejorativo sobre o índio e o apagaram das suas narrativas mesmo estando “viajando” dentro da “casa” dos indígenas.

Palavras-chaves: Silenciamento indígena; Colonizadores europeus; Amazônia

ABSTRACT

This work turns on the deletion of the indian in the history of the Amazonia told for the european travellers. The used methodology was the bibliographical reserch, for which it is intended to discourse on the form as indigenous one was portraied for the European colonizers. The intention is to show as the indian was treated by the imperialist ones and had its invaded lands and still they were see only as parto f the landscape and not as people Who had culture, his in the habit of and religion and that they deserved respect. It was used as theoretical referencial (Ugarte (2003), Orlandi (1990), (1993), La Condamine (2000), Bonácio (2007), Guedelha (2014), amongst others. It is looked, thus, to peep questions concerning the way as the European colonizers had reproduced a pejorative speechon the indian and they had inside erased it of its narratives same being “travelling” in the “house” of the indiginous.

Word-keys: Indigenous silencing; European colonizers; Amazonia

Introdução

O imaginário fantasioso do europeu sobre a floresta amazônica foi criado a partir das narrativas dos viajantes que produziram um discurso carregado dos mais diversos tipos de preconceitos, como por exemplo, o preconceito racial, este sendo mais óbvio e escancarado de todos, onde o europeu, “homem branco”, se achava superior aos índios.

Conforme Guedelha (2014), o discurso sobre o indígena da Amazônia é um discurso vindo da margem, um discurso exteriorizado e arbitrário e que foi assentado

¹ Mestra em Letras Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre - UFAC

em nossa mente por gerações passadas e nos leva a refletir se realmente ocorreu da forma como descrita nas narrativas.

Segundo Ugarte (2009), os espanhóis passaram pela Amazônia entre os séculos XVI e XVII com seus discursos estereotipados e suas ideias preconcebidas sobre a Amazônia e sobre seus habitantes indígenas. Percebe-se, nas narrativas dos ibéricos que muito da cultura, crenças e costumes dos índios da Amazônia foram “apagados” sendo às vezes citado de forma pejorativa, quando não ignorados.

Dentre muitos viajantes cronistas que navegaram pela Amazônia podemos destacar: Gaspar de Carvajal, Vicente Pizón, Francisco de Orellana, La Condamine, Diogo Nunes, Cristobal de Acuña, Rojas, Pedro Teixeira, Diego de Lepe, Pedro Ursua, Francisco Pizarro, dentre outros.

Alguns desses cronistas nem chegaram a conhecer a Amazônia *in loco*, como Rojas que segundo Ugarte (2009), fez seus relatos sobre a Amazônia a partir de outros relatos e testemunhos orais de outros viajantes, extraindo e compilando apenas o que lhe interessava.

Ugarte (2009) ressalta que Rojas é o primeiro a fazer o uso de metáforas para se referir à região amazônica, o qual foi influenciado por Acuña, que tinha uma visão edênica sobre a Amazônia. Muitos desses relatos de viagem dos cronistas, narravam sobre um lugar distante, místico, exótico e muito diferente de todos os lugares por onde já tinham passado no “Velho Mundo”.

Os dois primeiros viajantes europeus que chegaram à Amazônia foram os espanhóis Vicente Pinzón e Diego de Lepe, em fevereiro de 1500 conforme Ugarte (2009), quando Cabral ainda nem teria aportado nas terras que viria a ser o Brasil. Esses viajantes já vinham para o Brasil carregados de preconceitos e estereótipos sobre a região, porém, ávidos por encontrar riquezas e terem seus nomes reconhecidos como descobridores e desbravadores do “novo mundo”, conforme Ugarte (2009), que diz:

Nos séculos XVI e XVII, os barcos da conquista ibérica singraram as águas barrentas, negras e verdes de diferentes rios da Amazônia. Seus ocupantes esperavam encontrar, nos vales percorridos, a recompensa material por tão grande esforço (especiarias, metais preciosos, reinos fabulosos). Outrossim, **tinham como objetivo transformar os indígenas, que ali habitavam, em vassalos cristãos, ou de Sua Majestade espanhola, ou de Sua Majestade portuguesa, ou ainda em simples escravos, que deveriam servir aos novos senhores.** (UGARTE, 2009 p. 171). (Grifo nosso).

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Como podemos observar na citação de Ugarte (2009), os colonizadores já vinham para a Amazônia com objetivos específicos e escravizar os índios fazia parte de suas conquistas, transformá-los em “vassalos cristãos”, ou seja, catequizá-los. De acordo com Ugarte (2009), o rio Amazonas foi o caminho escolhido pelos colonizadores ibéricos para ser o cenário e o fio condutor das tramas narrativas elaboradas pelos cronistas.

Segundo Ugarte (2009), apesar das expedições de Pizón e Lepe terem chegado apenas ao rio Amazonas, mesmo sem ter navegado por ele por inteiro, acabaram criando várias expectativas como o encanto pelo imediatamente visível e positivo – as águas doces e a fertilidade da terra e a grande expectativa da existência de diversas riquezas.

A descoberta da Amazônia foi retratada através de uma pintura do artista Antônio Pedro que revela claramente como a intencionalidade do desbravador ibérico expressa a real política dos imperialistas europeus em relação aos autóctones, conforme ilustra a imagem a abaixo:

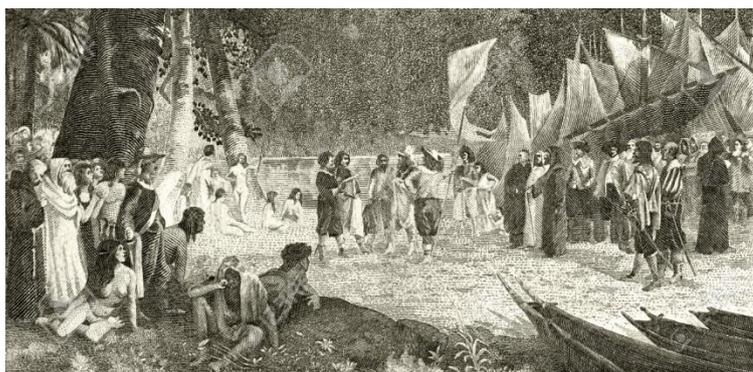


Imagem 1: Antônio Parreira (1860-1937): A Conquista do Amazonas (1906)²

Oliveira (s.d.) faz uma clara interpretação sobre a imagem, quando fala sobre o real discurso dos colonizadores,

A luz incidente na imagem desnuda de uma mulher indígena, para a qual os olhares dos europeus se dirigem vorazmente, vem a replicar o título dado ao quadro A Conquista do Amazonas. O que o pintor sugere ao seu público, longe da celebração de um pacto para a formação de uma colônia ou de uma nação, é a exibição da fragilidade de meios dos colonizadores e os fins puramente egoísticos e particulares que os movem. Os elevados ideais da conversão religiosa e o projeto político imperial parecem submergir numa imagem de exploração e rapina. (OLIVEIRA, s.d., p. 26).

² Fonte: Pintor Antônio Diogo da Silva Parreiras (1860-1937). Museu Histórico do Estado do Pará, Belém-Pará. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Amazonas > Acesso em 21 dez. 2015.

Assim, percebe-se que, a descoberta da Amazônia fez parte de um projeto político egocêntrico dos ibéricos que tinham objetivos claros face aos índios, de explorá-los. O cronista europeu se dirigia ao índio como o “diferente” por meio de um discurso do ponto de vista civilizatório, pois o colonizador não conseguia ver o índio como um ser humano igual ele.

Muitos discursos já foram apregoados sobre o “descobrimento” do Brasil, quando os colonizadores portugueses chegaram das terras de Além-Mar e tomaram posse de uma terra habitada sem respeitar o direito de posse dos que já se encontravam por estas “bandas”, os quais eram os reais proprietários deste “pedaço” de chão, os índios.

Com a chegada dos desbravadores, “o homem branco”, ocorre uma desapropriação da cultura indígena no Brasil, a exclusão de uma memória de um legado de um povo que já era dono da terra, que há muito tempo já as manejava de acordo com seus costumes e tradições, já domesticavam seus animais e cuidavam de suas plantas, preservavam a floresta a seu modo, já tinham um conhecimento empírico da floresta e o europeu chega e transforma todo esse saber minucioso em apenas uma cultura “exótica”.

No início da ocupação do território amazônico, os silvícolas, legítimos donos da região brasileira, muito dificilmente se aproximavam dos colonizadores, pois eram apreensivos em relação à violência que poderiam sofrer e até mesmo perderem sua liberdade.

Orlandi (1990) mostra um discurso fundador do “outro”, o europeu, em relação ao “diferente”, o indígena. O discurso é estabelecido pelo silenciamento do índio como uma figura selvagem que precisava ser catequizada para tornar-se quem sabe “humano” e não apenas o “diferente” e para isso o índio necessitaria de uma identidade conforme o olhar colonizador. E essa identidade viria por meio da transculturação desse povo, por intermédio da catequização dos silvícolas que eles se tornariam “gente” e deixariam de serem selvagens.

Conquistadores-cronistas na Amazônia

As expedições que se destinaram para a Amazônia tinham como um dos objetivos encontrar riquezas, assim, muitos viajantes, cronistas, missionários,

estudiosos, e pesquisadores, partiram da Europa em busca de ouro, “estórias” e também “civilizar” os índios.

Conforme Ugarte, “Diogo Nunes foi o primeiro cronista a estar no âmago geográfico da região, já em 1538” (2009, p. 36). Ugarte (2009) ainda ressalta que, Nunes em sua expedição encontra indígenas com adornos de ouro e imediatamente chega à conclusão que a terra era rica desse metal, por isso solicitou ao rei de Portugal um levante de homens e cavalos para conquistar a terra denominada de “Província de Machifaro” e incorporá-la aos domínios de Portugal.

De acordo com Guedelha (2014), por volta de 1539, Francisco Pizarro que era governador do Peru, tomou conhecimento sobre o lendário El Dorado que estava situado em uma terra distante e praticamente inexplorada, resolveu por organizar uma expedição sob o comando de seu irmão Gonzalo Pizarro com o objetivo de chegar à cobiçada terra. Ugarte destaca que, “O comando da tropa foi confiado por Pizarro ao capitão Francisco Orellana [...] seria a primeira expedição a percorrer quase todo o rio Amazonas até a foz, no oceano Atlântico” (2009, p. 41).

De acordo com Guedelha (2014), coube ao religioso dominicano Frei Gaspar de Carvajal o papel de escrivão da expedição de Orellana, estando ao seu encargo, portanto, a tarefa de relatar os acontecimentos da viagem. Um dos famosos relatos de Carvajal, segundo Guedelha (2014) diz respeito ao,

[...] violento combate que os navegantes travaram [...] com uma tropa de mulheres guerreiras, as quais o capitão e o seu cronista tomaram como sendo as lendárias Amazonas da mitologia grega, mulheres guerreiras sem homens cuja existência incendiou a imaginação de praticamente todos os desbravadores de terras desconhecidas, que invariavelmente alimentavam o sonho de encontrá-las, em qualquer que fosse o continente. (GUEDELHA, 2014, p. 4).

É provável que Frei Gaspar de Carvajal tivesse um diário e escrevesse sobre tudo o que via pela frente e o encontro com as índias guerreiras possivelmente o remeteu às mitologias gregas e assim seus relatos passaram a ser conhecidos como pitorescos e fantasiosos.

Após 18 anos da expedição de Orellana, formou-se uma das maiores empreitadas já formadas para descer o rio Amazonas, de acordo com Ugarte (2009), faria o mesmo percurso que Orellana fez, com o objetivo de encontrar o El Dorado e o País dos Omáguas, “territórios maravilhosos que impulsionavam a conquista do

território amazônico” (UGARTE, 2009, p. 57). A expedição estava sob o comando de Pedro Ursua que depois foi repassada para Lope de Aguirre, a campanha ficou famosa pelos conflitos internos que ocorreram entres seus componentes.

Guedelha (2014) dá ênfase sobre a expedição do português Pedro Teixeira, sendo esta a primeira expedição de caráter oficial a percorrer o rio Amazonas, em sentido contrário ao de Orellana, o explorador viajava em nome do governo português tendo como objetivo fazer o reconhecimento da terra, de acordo com Guedelha (2014),

[...] essa expedição veio à luz dois relatos, um escrito pelo jesuíta Alonso de Rojas e outro pelo frei Cristóbal de Acuña [...] Quanto ao relato de Cristóbal de Acuña, assim como o de Gaspar de Carvajal, um caráter bastante pitoresco e imaginoso, como nas referências que faz à existência de um rio de ouro na Amazônia, mas traz importantes detalhes sobre o homem e a terra. (GUEDELHA, 2014, p. 9).

Magalhães (2000) destaca que, 200 anos depois das primeiras expedições enviadas para a Amazônia com o objetivo de buscar riquezas, parte para a Amazônia o cientista francês La Condamine, em 1735, munido de passaporte concedido pela Espanha, com a tarefa de medir o arco do meridiano na linha do equador e fazer seus estudos sobre a História Natural.

O que se pode inferir sobre o cerne da questão que rodeavam esses exploradores que arriscavam a própria vida viajando por terras totalmente desconhecidas, é que eles tinham um único e exclusivo objetivo, buscar riquezas na Amazônia e fama junto às coroas que eles serviam; sendo que nenhum deles viajou para falar da cultura de um povo que se encontrava nessas terras, de realçar seus valores e costumes e nem mesmo de preservar suas crenças.

Uma conquista territorial imperialista e religiosa

O Tratado de Tordesilhas, segundo Linhares (1990), se configurou em um acordo entre Portugal e Espanha, as principais e incipientes potências imperialistas da época, assinado em 1494, o qual tinha como principal objetivo sanar os conflitos territoriais em relação às terras descobertas no final do século XV. E assim, a América também conhecida como “novo mundo”, ficou dividida entre os europeus, exclusivamente entre portugueses e espanhóis, que se acharam no direito de dominarem tudo e a todos que encontrassem pela frente.

Linhares (1990) diz que é possível questionar a real legitimidade do Tratado de Tordesilhas, já que ambos os Estados decidiram a seu bel prazer “dividir” o continente recém-descoberto; ainda que tivessem o consentimento papal, a vontade da Igreja Católica Romana e os interesses de Portugal e Espanha não eram suficientes para refletir o consenso de todas as demais nações, europeias ou não.

Os europeus saíram da Europa para o “novo mundo” porque surgiu a necessidade colonialista por aquisição de riquezas, e precisavam quebrar o monopólio do comércio das especiarias, que pertencia à rota do Oriente e estava monopolizada pelos genoveses e venezianos.

De acordo com Linhares (1990), Portugal tinha a demanda e os genoveses e venezianos tinham a oferta, os portugueses não querendo mais ser submetidos aos altos preços ditados por estes buscaram rotas alternativas, pois as riquezas da Europa já estavam saturadas. Assim, os europeus mostraram certa aptidão para a caça aos bens materiais em outros continentes e chegaram às Américas mesmo quando seu destino e objetivo era chegar às Índias.

O objetivo dos imperialistas era adquirir colônias e torná-las dependentes, tomar as terras, explorar seus recursos e por meio da catequese dos missionários escravizarem os silvícolas, conforme Barros (1993) destaca que, o primitivo sistema de catequese escravizava o índio tomando sua liberdade e contrariava a índole de homem livre e obrigava o indígena a duros trabalhos sem qualquer recompensa. Assim, esse se viu obrigado a abandonar as margens dos grandes rios de onde tiravam parte dos alimentos de sua subsistência como à pesca e foi buscar refúgio nas matas, adentrando a selva amazônica.

Quando os europeus aportaram na Amazônia já chegaram cheios de informações, deduções, inferências e com isto cometeram muitos equívocos em seu olhar sobre a região e principalmente sobre os indígenas, conforme citado por Bonácio (2007):

Pelas análises realizadas, observamos que o imaginário de indígena construído pelos viajantes europeus cristalizou-se sob a imagem de um ser “selvagem”, que precisava ser colonizado pela nação “boa e amiga” que era Portugal. (BONÁCIO, 2007 p. 1267).

Na visão imperialista do europeu o indígena só teria serventia se fosse colonizado e recebesse a cultura europeia. O índio passa a ser “intruso” em seu próprio “habitat”. Como destacado na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal a

seguinte narrativa: “Êles (sic) não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem“. (ARROYO, 1971, p.60). O “invasor”, o europeu, esperava encontrar um povo com os mesmos costumes deles e com tradições europeias, não encontrando o que imaginavam, simplesmente o silenciaram em suas narrativas. As concepções hegemônicas e de dominação sociocultural do europeu, subjugarão o indígena, sua cultura, costumes, língua, religião, etc.

Conforme Ugarte (2009), existem muitas narrativas fantasiosas em relação aos índios encontrados pelo primeiro viajante que oficialmente fez narrativas sobre a Amazônia, o jesuíta Frei Gaspar de Carvajal, que acompanhou a expedição comandada pelo espanhol Francisco Orellana a Quito na Foz do Amazonas, nos anos de 1539/42, em suas primeiras narrativas Carvajal afirma que os índios eram “inumanos”.

Esse índio precisava ser catequizado e confessar seus pecados ao “Deus do Europeu”, ao receber o Deus cristão excluíam não só seus ritos religiosos, mas também sua cultura e costumes, sendo que o primeiro contato do índio com o europeu foi de total desprezo e inferioridade como se o índio fosse uma sub-raça. Orlandi (1990) afirma:

[...] “Terra à vista” é a primeira fala sobre o Brasil e expressa o olhar inaugural que atesta nas letras a nossa origem. Pero Vaz de Caminha dará o próximo passo lavrando nossa certidão, com sua Carta. Ao mesmo tempo, para os europeus, essa exclamação diz o início de um processo de apropriação. Descoberta significa, então, conquista. (ORLANDI, 1990, p.14).

Tal conquista não foi feita de forma harmoniosa nem muito menos de forma “amigável”, o que ocorreu foi uma total falta de respeito com o considerado “diferente” pelo europeu que chegou devastando e eliminando parte da população indígena.

Segundo Orlandi (1990), a “descoberta” de um novo lugar evoca um novo discurso do europeu em relação aos índios e põem em xeque algumas perguntas perturbadoras: por que o índio no discurso do europeu não foi reconhecido como igual? Por que o europeu se viu no direito de tomar posse de uma terra habitada? Qual o sentido de tudo isso para o europeu conquistador? Muitas perguntas ficaram sem resposta, pois o discurso dominante do europeu determinava as formas de contato que ele teria com os nativos.

Da mesma forma que os espanhóis, os portugueses também tinham um rito em comum, a tomada de posse, ato de denominação e a dominação ativa das culturas autóctones, que tinham como objetivo principal converter os ameríndios à Santa Fé, ação que tinham com absoluta certeza de poderem realizar sem grandes dificuldades.

O que se percebe é que o índio foi totalmente silenciado pelo discurso hegemônico do conquistador que vem carregado de dominação e que traz consigo seus significados já prontos, logo de início já nomearam a terra que já tinha dono, denominando-a de Terra de Santa Cruz.

Os seres indolentes e lascivos encontrados pelos europeus são sujeitos de um discurso que apaga sua cultura, sua história e tradições, e o olhar do português sobre o Brasil é um olhar de desprezo, concordando com Orlandi (1990), que diz, sempre haverá um silêncio, produzido pelo dominador contra o dominando criando assim um discurso de confronto:

[...] de um lado, os europeus procuram absorver as diferenças, projetando-nos como cópias em seus imaginários, cópias malfeitas a serem passadas a limpo; enquanto do outro lado, assumindo a condição de simulacros – imagens rebeldes e avessas a qualquer representação [...]. (ORLANDI, 1990, p.21).

Esse discurso do confronto que retrata o indígena como o “diferente” é o discurso do imaginário do europeu que a partir daí começa a fazer suas narrativas e significar o índio como o “diferente”, o “selvagem”, o que precisava ser civilizado e catequizado para poder ser salvo, pois do ponto de vista do europeu esses índios eram verdadeiros canibais, conforme ilustrado na gravura a seguir datada de 1557:



Imagem 2 - Hans Staden nas mãos dos canibais, 1557³

O imaginário dos europeus quando vinham para Amazônia, e às vezes nem vinham, retratavam muitas fantasias por meio das gravuras de muitos cronistas que só de ouvirem falar da região já imaginavam às piores atrocidades cometidas pelos nativos, retratando ideias fantasiosas da Amazônia.

No Brasil, o processo de transculturação do indígena pelo ocidental fez com que o mesmo deixasse de ser o “diferente” e passasse a ser o “outro”, enquanto o europeu passou a ser o “centro”, o “civilizado”. É a partir do discurso do civilizador que o índio passa a ser visto como o selvagem, pois não segue a cultura do “branco” o qual é exemplo de civilizado, de acordo com Bonácio (2007), que ressalta:

Essa identidade foi construída pelo discurso dos colonizadores, isso se dá por movimentos de silenciamentos: se digo "selvagem" para o indígena o que silêncio é que ele não é civilizado, não pode ser um cidadão totalmente, enfim, a palavra selvagem silencia muitas coisas. E temos a mesma relação quando o indígena diz o "branco", visto que ele silencia: aquele que não é indígena, aquele que “roubou” as terras indígenas, etc. (BONÁCIO, 2007, p.1269).

Orlandi (1990) destaca que o silenciamento do indígena vem pelo processo de apagamento de sua história e de sua cultura:

Esse processo de apagamento do índio da identidade cultural nacional tem sido escrupulosamente mantido durante séculos. E se produz pelos mecanismos mais variados, dos quais a linguagem, com a violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes (ORLANDI, 1990, p. 56).

No resgate cultural indígena no Brasil, percebe-se seu valor quando se observa o legado deixado por muitas tribos que foram extintas pelo europeu, os chamados

³ Fonte: Imagem extraída de < http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/pimage/hans_staden3.jpg> Acesso em 28 dez. 2015.

“civilizadores”, que em nenhum momento tentaram preservar em nada essa herança tão preciosa para cultura indígena brasileira, e o que fizeram foi destruí-la.

Quando a colonização chegou ao “Novo Mundo” de acordo com Linhares (1990), trouxe consigo também a tentativa de conversão do indígena à fé cristã, já que os mesmos eram considerados pagãos e politeístas, assim o índio mais uma vez sofre com o apagamento, o de sua fé, em detrimento da fé do colonizador, inclusive os templos e o tempo tinham que ser usados da forma que os europeus impunham.

O indígena tinha que aceitar como certas, justas e absolutas as exigências estipuladas pela igreja e entregar suas vidas a Deus e isso acabou deixando o índio sem condições de manterem seus ritos religiosos, foram inclusive obrigados a pôr fim a seus templos para edificar em seus lugares os templos do colonizador e assim sem poder professar sua fé, seus costumes e sua cultura chegavam a pôr fim em suas vidas, Theodoro (1991) conta que:

Os indígenas morriam, quando obrigados a trabalhar, especialmente nas minas, no ritmo exigido pelos espanhóis. Os motivos eram vários; excesso de esforço físico, contaminação por doenças trazidas pelos europeus e, principalmente, pela impossibilidade de a cultura indígena adaptar-se às relações de trabalho impostas pelos europeus. (THEODORO, 1991, p.50).

Assim, lutando para poder viver de forma gratuita em sua própria terra os autóctones se depararam com o europeu, que chegava a busca do “El Dourado”, com a ânsia de poder e de abstrair todas as riquezas que a terra pudesse lhe fornecer. Mesmo o “El Dourado” ou “Novo Mundo” sendo descrito como um verdadeiro “Paraíso”, este não tinha as características de Éden, o olhar de “paraíso” ou “inferno” dependia do olhar de quem narrava. A superioridade racial do colonizador sobre os nativos foi o que desgastou a relação destes, pois os primeiros contatos entre eles se deram de forma amigável.

Os índios eram vistos e descritos como parte da paisagem Amazônica e quando não, são retratados sempre de forma pejorativa, como muitos cronistas relatam em suas narrativas, um exemplo é do viajante La Condamine que os descrevem como todos iguais e com o mesmo caráter:

A insensibilidade é o fundamental. Fica a decidir se a devemos honrar com o nome da apatia, ou se devemos dar o oposto de estupidez. Ela nasce indubitavelmente do número limitado de suas ideias, que não vai além das suas necessidades [...] inimigos do trabalho, indiferentes a toda ambição de glória, honra ou reconhecimento; sem a preocupação do futuro; incapazes de previdência e reflexão; entregues, quando nada os molesta, a brincadeiras

pueris, que manifestam por saltos e gargalhadas sem objeto nem desígnio, passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos todos são conservados. (LA CONDAMINE, 2000, p. 60).

Percebe-se o quanto o autor citado deprecia o índio, como um ser incapaz de refletir sobre algo, que não se preocupa com o futuro ou presente, La Condamine em seu relato não respeita em nada a forma como o nativo passa a vida, esquece que seu modo de vida faz parte de seus costumes. Porém, para o viajante tudo não passa de estupidez e novamente se refere de forma pejorativa ao indígena, conforme o seguinte relato: “[...] são tão limitados por não dizer tão estúpidos [...] e não se pode ver sem humilhação o quanto o homem abandonado à natureza, privado de educação e sociedade, pouco difere das bestas”. (LA CONDAMINE, 2000, p. 60). Podemos observar nesse trecho a maneira como os viajantes narram os povos nativos das Américas com total desprezo e humilhação.

Os viajantes que fizeram suas narrativas sobre a Amazônia alimentavam alguns mitos sobre o mundo das águas e da floresta selvagem, narravam sobre uma natureza que funcionava como um sistema constituído e equilibrado, reinando de forma quase que absoluta, narravam sobre um lugar exclusivo no mundo onde se cumpre a mais sublime revelação da supremacia da natureza sobre o homem, um tipo de paraíso perdido na terra que nos leva ao lugar de um território antes do surgimento do homem e percebiam o indígena como parte desse cenário exuberante e não como um ser semelhante a esses colonizadores.

A coerência nos discursos de quem escreveu sobre a Amazônia realmente a retratava sem muitas discordâncias, porém em relação à pequena parcela de humanos que ali se encontravam eram retratados com nulidade na perspectiva da história do homem. Muitas das narrativas davam ênfase a terra como sendo livre e despovoada de homens, pois esse era um discurso recorrente no imaginário da Europa na época. É preciso que se entenda que esse discurso do colonizador europeu é algo datado e que se refere à expansão colonial na Amazônia quando os exploradores europeus ficaram frente a frente com as populações autóctones.

O preconceito racial era tão grande que mesmo os narradores se dispensavam do direito de falar sobre os nativos, conforme La Condamine (2000), que diz:

Não tenho que estender-me por agora sobre os hábitos dos índios e costumes dessas nações, e sobre tantas outras que encontrei, senão quando isso possa ter alguma relação com a física ou a história natural. (LA CONDAMINE, 2000, p.74).

O autor mesmo estando dentro da “casa” do índio distanciava-se deste, pois para ele falar de um povo que não fosse acrescentar algo aos seus estudos não lhe causava interesse algum, para se referir ao silvícola teria que descrevê-lo como,

[...] assim não farei absolutamente descrição de [...] seus ornamentos feitos de ossos de animais e peixes atravessados em suas narinas e lábios de suas faces crivadas de buracos que servem de estojo de penas de pássaros. (LA CONDAMINE, 2000, p.74).

La Condamine (2000) se contradiz quando afirma não ter interesse em falar sobre os índios. No entanto, narra de forma tão pejorativa e detalhada os costumes dos silvícolas quanto a seus costumes de usarem adereços no corpo, o autor retrata de forma minuciosa as características físicas deles, mesmo dizendo que tal assunto seria de interesse dos anatomistas e não dele.

Os viajantes não tratavam os índios como humanos, pois em seus relatos sobre o clima amazônico chegam a narrar que a terra era inabitável para os espanhóis, relato do capitão Altamirano ao registrar os informes de uma tropa, conforme Ugarte (2009):

[...] Altamirano falou que a terra era inabitável por apresentar um clima muito quente [...] no mesmo informe diz que no vale habitavam índios que vestiam roupas de algodão [...]. Será que ele tinha em vista que a terra era inabitável para os espanhóis, mas não para os índios já adaptados àquele ambiente? [...] uma vez que se o vale era inabitável, essa condição valia tanto para os espanhóis quanto para os índios. (UGARTE, 2009 p. 235).

E, assim, mais uma vez percebe-se um discurso que trata o índio como um “ser” diferenciado do humano. Percebemos uma contradição na fala no capitão Altamirano quando ele diz que a condição de sobrevivência valia para o índio, porém não valia para o espanhol, isso porque este viajante como os demais, ao que se parece, tinha a obrigação de desqualificar os autóctones e altivar o espanhol em toda sua supremacia racial e colonial.

4. Considerações finais

Esse trabalho procurou dar um enfoque sobre o apagamento do índio nas narrativas dos viajantes europeus que passaram pela Amazônia e assim contribuir para a luta de um povo excluído e apagado, as populações indígenas da Amazônia, e mostrar que esses sujeitos, donos de um conhecimento milenar sobre a floresta, merecem todo respeito.

O processo de apagamento da identidade cultural do índio há vários séculos foi reproduzido de várias formas diferentes, das quais a linguagem, com a violência figurada que ela representa, é uma das mais ativas, a configuração utilizada para descrever o indígena nas narrativas dos “europeus”, “viajantes”, “colonizadores”, “cronistas”, “missionários”, etc., usaram da linguagem para subjugar, estereotipar, diferenciar, civilizar e catequizar um povo que pelo simples fato de serem “diferentes” em seus costumes, ritos, línguas, crenças e cultura, era considerado selvagem e que precisava passar por um processo de total transculturação para ser aceito, não para fazer parte da “sociedade” do europeu, mas para ser escravizado.

Foi negado ao índio o direito de ser índio, pois o que separava o europeu do indígena eram o trato e o conhecimento que o autóctone tinha da selva e isso impedia que os colonizadores reconhecessem o indígena em sua alteridade, fazendo assim com que o nativo perdesse sua supremacia cultural dentro da Amazônia, “para o cronista somente um ponto era comum entre o índio e o branco: a violência com que atacavam ou se defendiam”. (SOUZA, 1994, p. 29).

Enfim, o que se entende nas diversas narrativas dos cronistas que viajaram pela Amazônia, e até dos que não viajaram, mas que escreveram seus relatos a partir dos relatos de outros viajantes, em especial, durante os séculos XVI e XVII, que invariavelmente estes retratavam o silvícola como “covarde”, “medroso” e “ignorante”.

Como já dito, os autóctones eram vistos pelos colonizadores como “inumanos”, ou seja, apenas como parte da paisagem amazônica e devido esse ponto de vista racista, imperialista e preconceituoso que centenas de milhares de índios foram exterminadas em toda a Amazônia. Até hoje a tendência é ver o índio como uma figura exótica, ou como um povo que apenas fez parte do início da formação do Brasil.

Referências

ARROYO, Leonardo. **A carta de Pêro Vaz de Caminha**: ensaios de informação à procura de constantes válidas de métodos. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BARROS, Glimes Rego. **Nos confins do extremo oeste**. V.1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1993.

BONÁCIO, Daiany; HONÓRIO, Maria Aparecida. **Identidade, história e língua**: o outro e o centro na construção discursiva do sujeito-índio. In: Celli –Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1267-1275. Disponível em:

http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/019.pdf

Acesso em 22 dez 2015.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. **A Amazônia e seus textos fundadores.**

2014. Disponível em

<<http://oguari.blogspot.com.br/2014/09/a-amazonia-e-seus-textos-fundadores.html>>

Acesso em 03 jan. 2016.

LA CONDAMINE, Charles-Marie. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas.** Brasília: Senado Federal, 2000.

LINHARES, Maria Yedda (coord.). **História geral do Brasil.** 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MAGALHÃES, Basílio de. *In*: LA CONDAMINE, Charles-Marie. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas.** Brasília: Senado Federal, 2000.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Narrativas e imagens sobre povos indígenas e Amazônia: uma perspectiva processual da fronteira.** Disponível em:

<[http://www.iai.spk-](http://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_27/IND_27_2010_19-46_Oliveira.pdf)

[berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_27/IND_27_2010_19-](http://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_27/IND_27_2010_19-46_Oliveira.pdf)

[46_Oliveira.pdf](http://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_27/IND_27_2010_19-46_Oliveira.pdf)> Acesso em 23 dez. 2015.

ORLANDI, Eni P. **Terra à Vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo.** São Paulo, Cortez; Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia.** São Paulo: Marco Zero, 1994.

THEODORO, Janice. **Descobrimientos e renascimento.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 1991.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros.** Valer: Manaus, 2009.